

HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS ESPACIAIS EM SALA DE AULA: MIGRAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Viviane Lousada Cracel
viviane.lousada@gmail.com¹

Resumo

O trabalho apresenta um relato e reflexão sobre uma experiência didática desenvolvida na disciplina de Geografia, com a colaboração da professora de Língua Portuguesa, com os alunos do sétimo ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Campinas/SP. A prática pedagógica envolve o tema migração e teve três objetivos principais: discutir o processo migratório como um fenômeno que perpassa momentos mais específicos da nossa história, porém, ainda contemporâneos; compreender o espaço geográfico como o acúmulo de trajetórias espaço-temporais que se encontram; e desvendar algumas dessas trajetórias, aproximando os alunos de suas próprias experiências e de seus familiares. Para o desenvolvimento da proposta, foram utilizadas aulas expositivas, visita ao Museu da Imigração e entrevista com os familiares. A atividade possibilitou aos alunos conhecerem um pouco mais sobre sua história, de onde vieram e porque vieram, algo que muitos até então desconheciam, além de compreenderem a migração como um processo contemporâneo, mais perto deles do que imaginavam.

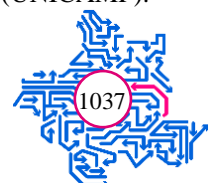
Palavras-chave: migração, ensino de geografia, espaço geográfico.

Introdução

Um dos principais desafios dos professores da educação básica em suas aulas é aproximar o conteúdo teórico da realidade na qual a comunidade escolar está inserida. Em outras palavras, fazer com que o aluno perceba e estabeleça relações entre o conteúdo abordado e suas vivências e experiências. Cavalcanti (1998) nos chama a atenção para essa questão, já que a escola deve ser, por excelência, o *locus* dessa articulação para que, a partir das discussões em sala de aula, o aluno possa ampliar e alterar suas práticas socioespaciais, construindo-as cada vez mais crítica e reflexiva, características fundamentais ao exercício da cidadania.

Nesse sentido, a Geografia possui um papel privilegiado, visto que na maioria das vezes seus temas de estudo saem do cotidiano vivido pelos alunos, o que faz dessa disciplina um importante espaço para se construir o entendimento da realidade. Cavalcanti (1998), relata

¹ Doutora em Ciências pelo Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora da Rede Municipal de Ensino de Campinas.



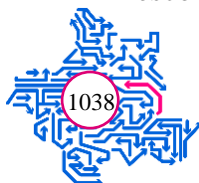
que parece haver certo consenso que o papel da Geografia na vida dos alunos envolve a compreensão do papel do espaço nas práticas sociais e destas na configuração do espaço, estimulando a apreensão da realidade sob o ponto de vista da espacialidade. E são nas atividades diárias que alunos e professores constroem geografias, pois, ao vivenciarem, constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios. A prática cotidiana dos alunos é, desse modo, plena de espacialidades e de conhecimento dessas espacialidades (CAVALCANTI, 1998).

É no encontro/confronto da geografia cotidiana, da dimensão do espaço vivido pelos alunos, com a dimensão da geografia científica, do espaço concebido por essa ciência, que pressupõe a formação de certos conceitos científicos, que se tem a possibilidade de reelaboração e maior compreensão do vivido, pela internalização consciente do concebido. Esse entendimento implica ter como dimensão do conhecimento geográfico o espaço vivido, ou a geografia vivenciada cotidianamente na prática social dos alunos. (CAVALCANTI, 2005, p. 200-201)

A partir disso, pretendi trazer à tona essas espacialidades para a sala de aula com a temática *migração*. Este é um conteúdo programático do sétimo ano do ensino fundamental e está inserido na unidade sobre a população brasileira. Ao longo dos anos, ao explicar esse conteúdo, tenho notado que muitos alunos entendem a migração como algo situado no passado e já não mais tão presente nos dias atuais. Talvez parte dessa compreensão se deva à forma como esse conteúdo se apresenta nos livros didáticos e como nós, professores, o abordamos também.

Cavalcanti, em seu livro de 1998, fruto da pesquisa de doutorado realizada anos antes, problematiza que para parte dos alunos a dificuldade não está em dizer o que se estuda em Geografia, mas em apontar a utilidade do que se estuda nessa matéria para a vida cotidiana deles. Apesar de quase duas décadas da pesquisa, esse sentimento me parece bem atual e não é incomum ouvirmos questionamentos como "e para que isso serve?", "onde vou usar isso?", "preciso mesmo saber disso?". Em 2015 ouvi questionamentos assim de um aluno do sétimo ano quando explicava sobre migração e por isso esse ano resolvi aproximar mais esse conteúdo teórico das histórias e trajetórias dos alunos, a fim de que compreendam que a migração está mais próxima deles do que imaginam e, quem sabe, faz parte da sua própria história.

A inspiração veio, além das indagações do aluno, do contexto onde está localizada a escola e mora a maioria dos alunos: o bairro Vila União. Ele possui uma ocupação recente,



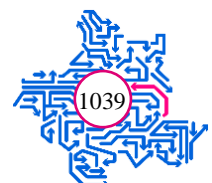
datada do final da década de 1980 e a construção desse bairro envolve uma rica história de organização e luta das classes populares pelo direito à moradia. A própria escola - EEI Professor Zeferino Vaz - foi criada como uma demanda da comunidade em abril de 1994. Isso está aliado a um contexto maior da cidade de Campinas, que teve um processo de urbanização intensa a partir, principalmente, da década de 1970, com o processo de desconcentração industrial, desenvolvendo-se nesse setor e atraindo migrantes de várias partes do país, que aumentaram e muito o contingente populacional da cidade. Assim, será que os alunos e/ou seus familiares não são migrantes envolvidos nesse processo?

Por ser um bairro recente, ele ainda está em constante transformação. Assim, além da discussão sobre migração, pretendia discutir sobre a concepção de espaço que os alunos tinham. Muitos trazem consigo a ideia de espaço geográfico como algo concluído e do qual pouco se sentem produtores, utilizando-se de frases vagas e ao mesmo tempo distantes como "o homem produziu", "ah, alguém fez" quando falam sobre sua construção. Entretanto, o espaço não é algo estático nem tampouco neutro, mas sim interligado com o tempo e, portanto, em constante transformação.

Compartilho com Doreen Massey (2009) sua preocupação sobre o modo com imaginamos o espaço e também sua concepção de espaço geográfico, compreendido como um produto das interações, como uma esfera da multiplicidade e, assim, concebido como algo sempre em construção. Assim,

nesse espaço aberto interacional há sempre conexões ainda por serem feitas, justaposições ainda a desabrochar em interação (ou não, pois nem todas as conexões potenciais têm de ser estabelecidas), relações que podem ou não ser realizadas. Aqui, então, o espaço é, sem dúvida, um produto de relações, e para que assim o seja tem de haver multiplicidade. No entanto, não são relações de um sistema coerente, fechado, dentro do qual, como se diz, tudo (já) está relacionado com tudo. O espaço jamais poderá ser essa simultaneidade completa, na qual todas as interconexões já tenham sido estabelecidas e no qual todos os lugares já estão ligados a todos os outros. (MASSEY, 2009, p. 32).

Logo, o espaço geográfico é produzido a partir de um conjunto de trajetórias espaço-temporais, de um acúmulo de histórias que se cruzam; é formado pelo encontro de muitas atividades econômicas, objetos, usos contraditórios e complementares que se entrelaçam e o constituem, o constroem. E são nessas interligações de resultados imprevisíveis que, nos diz Massey (2009), o espaço possibilita a construção de identidades. Será que esses alunos se sentem produtores desse espaço tão recente e ainda em construção?



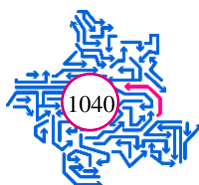
Assim, três foram os objetivos principais da prática pedagógica aqui relatada: discutir o processo migratório como um fenômeno permanente na história da humanidade, perpassando contextos mais específicos, porém, contemporâneo; compreender o espaço geográfico em um sentido mais amplo, como acúmulo de histórias e trajetórias espaço-temporais que se encontram (com recorte para o bairro em que está localizada a escola); e desvendar algumas dessas trajetórias, aproximando os alunos de suas próprias experiências e de seus familiares.

Para tanto, lancei mão de aulas expositivas, de uma visita ao Museu da Imigração e de entrevista dos alunos com seus familiares para o desenvolvimento da prática pedagógica em questão. A seguir, explico um pouco do percurso trilhado com os alunos do sétimo ano do ensino fundamental nos meses de maio, junho e agosto de 2016.

Atividades desenvolvidas

Primeiramente, foi feita uma explicação expositiva do conteúdo com o auxílio do livro didático adotado, que é o Projeto Araribá - Geografia (7º ano), da editora Moderna. De uma forma geral, o livro define migração como o movimento populacional de uma localidade para outra, sendo que diversos motivos levam as pessoas a migrar: dificuldades econômicas, guerras, perseguições política ou religiosa, adversidades naturais entre outros. O principal motivo das migrações, independentemente do que as faz sair de onde estão, é a busca por melhores condições de vida.

Logo após a definição, são citados os tipos mais comuns de deslocamentos: *migração externa*, quando a população se desloca de um país para outro; e *migração interna*, quando o deslocamento populacional ocorre dentro de um mesmo país. Esta última seria dividida em *temporária*, que é o deslocamento populacional que ocorre em determinados períodos do ano para locais em que há trabalhos temporários; *pendular*, que é o movimento diário de vaivém da população que se desloca de uma cidade para outra para trabalhar ou estudar; *interregional*, que corresponde à saída de uma região administrativa para outra; *intrarregional*, deslocamento que acontece entre estados de uma mesma região administrativa; e o *êxodo rural*, é o movimento migratório do campo para a cidade, bastante presente no Brasil a partir da década de 1950 com o processo de industrialização acelerado em nosso país. O livro em questão fala muito pouco sobre a *migração de retorno*, que



corresponde ao movimento de migrantes voltando a seus locais de origem, e que sabemos que nas últimas décadas houve um aumento considerável desse tipo de migração.

Durante a explicação, fiz diversos questionamentos sobre se conheciam algum migrante dentre os exemplos citados e o que mais reconheceram foi a migração pendular. Alguns alunos relataram que seus pais ou irmãos se deslocavam diariamente para cidades vizinhas para trabalhar ou estudar. Essa migração é bastante característica de regiões metropolitanas, como é o caso de Campinas. Apenas um aluno relatou ter nascido em Porto Seguro, na Bahia, e se mudado para Campinas quando pequeno, caracterizando uma migração interregional. Ao perguntar sobre a história de seus pais e avós, poucos sabiam relatar e foi aí que surgiu a ideia, em conjunto com a professora de Língua Portuguesa, de fazer uma entrevista junto aos familiares a fim de que pudessem conhecer um pouco mais sobre sua história e os motivos para estarem ali. Além disso, o objetivo era que percebessem que apesar de o livro pontuar momentos históricos para alguns fluxos migratórios, ele é contemporâneo e mais perto de nós do que imaginamos.

No entanto, antes de apresentarmos a proposta e estrutura da entrevista, tínhamos agendado para o começo de junho um estudo do meio ao Museu da Imigração do Estado de São Paulo, localizado no bairro da Mooca na cidade de São Paulo. A proposta era visitarmos a exposição de longa duração *Migrar: experiências, memórias e identidades*, cujo objetivo era refletir sobre o processo migratório a partir do entrelaçamento das memórias das pessoas que passaram pela Hospedaria dos Imigrantes ao desembarcarem no Brasil. O museu valoriza durante a visita o encontro de múltiplas histórias e origens e propõe ao público o contato com lembranças materiais (objetos, cartas, mobílias) e relatos orais daquelas pessoas, suas condições de viagem, adaptação aos novos trabalhos e à nova terra e contribuições para a nossa identidade. Nesse momento, os alunos puderam relacionar a visita com as principais imigrações estudadas em sala.

Nesse momento, a professora de Língua Portuguesa estava trabalhando com os alunos o gênero entrevista e foi então que propomos que os alunos utilizassem esse gênero com seus pais e, se possível, seus avós, a fim de conhecerem um pouco sobre suas histórias e descobrirem se em algum momento houve algum tipo de deslocamento na família. Além disso, gostaríamos de entender as possíveis causas e consequências dos deslocamentos e, assim, conhecer mais de perto histórias de vida de migração: seus medos, dificuldades,



conquistas etc. A ideia era que os alunos gravassem as entrevistas e depois as transcrevessem. Para orientá-los, passei um roteiro com algumas questões:

- Você nasceu onde mora atualmente ou veio de outro lugar?
- Seus pais viveram a vida toda no mesmo lugar? E seus avós?
- Caso tenha migrado, qual foi o motivo da migração?
- Quando ocorreu?
- Como foi tomada a decisão de mudar?
- Conhecia alguém que já vivia no lugar de destino?
- Quais foram as dificuldades encontradas?
- Seus objetivos foram alcançados?

Os alunos tiveram vinte dias para realizar a entrevista e os resultados foram bem interessantes. Boa parte da sala contou alguma história de migração, em sua maioria por parte dos avós ou de seus pais que, nesses casos vieram de outras cidades do estado, de Minas Gerais, do Paraná e da Bahia e um caso da Itália, de Nápoles. A seguir, transcrevo alguns trechos das entrevistas:

Aluna: *Você nasceu onde mora atualmente ou veio de outro lugar? Se sim, qual?*

Mãe da aluna: *Eu vim de outro lugar, vim da cidade de Pacaembu, no estado de São Paulo.*

Aluna: *Seus pais viveram a vida toda no mesmo lugar? E seus avós?*

Mãe da aluna: *Não, minha mãe nasceu na Bahia e migrou para cá. Meu pai nasceu em Minas Gerais e migrou para cá e assim foi com meus avós também.*

Aluna: *Qual foi o motivo da migração?*

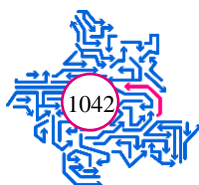
Mãe da aluna: *a procura de emprego e condições de vida melhor.*

Aluna: *Quando ocorreu?*

Mãe da aluna: *em 1975.*

Aluna: *Como foi recebida no lugar de destino?*

Mãe da aluna: *Bem, com bastante dificuldade, tudo era novidade, tudo era muito diferente.*



Aluna: *Quais foram as dificuldades encontradas?*

Mãe da aluna: *Falta de dinheiro, de conhecimento.*

Aluna: *Seus objetivos foram alcançados?*

Mãe da aluna: *Graças a Deus.*

Outro relato...

Aluna: *Você nasceu onde mora atualmente ou veio de outro lugar? Se sim, qual?*

Avó da aluna: *Nasci em Mirandópolis*

Aluna: *Seus pais viveram a vida toda no mesmo lugar? E seus avós?*

Avó da aluna: *Não.*

Aluna: *Qual foi o motivo da migração?*

Avó da aluna: *a procura de melhoria de vida.*

Aluna: *Como foi tomada a decisão de mudar?*

Avó da aluna: *a seca e a falta de dinheiro.*

Aluna: *Veio sozinha ou com mais alguém?*

Avó da aluna: *Com minha família. Meu pai, minha mãe, duas irmãs e um irmão.*

Aluna: *Como foi recebida no lugar de destino?*

Avó da aluna: *Muito bem.*

Aluna: *Quais foram as dificuldades encontradas?*

Avó da aluna: *Falta de comida, falta de roupas, de dinheiro e de trabalho*

Aluna: *Seus objetivos foram alcançados?*

Avó da aluna: *Foram, porque eles melhoraram "bem" de vida.*

Como são muitos relatos e por questão de espaço, trago apenas esses dois, mas os motivos e as dificuldades encontradas são parecidos nas entrevistas entregues. Depois da leitura dos relatos, levei os alunos para o quiosque, uma área aberta da escola, sentamos em círculo e discutimos sobre o que acharam da atividade, o que foi novidade para eles e um pouco sobre as respostas dadas, principalmente sobre os motivos que levaram a migrar e as dificuldades encontradas no lugar de destino.

Alguns alunos disseram que não conheciam as trajetórias de deslocamento de seus familiares e que foi interessante conhecer. Muitos dos motivos que levaram a migrar foram as dificuldades, principalmente econômicas e a busca por condições melhores de vida, mas que no início isso também foi uma dificuldade no local de destino, ou seja, a migração nem sempre é um processo fácil e tranquilo. Nesse momento discutimos um pouco sobre a migração de retorno, comum, em alguns casos, pelo insucesso dos objetivos almejados com o deslocamento. Uma aluna relatou que sua avó retornou anos depois para sua cidade natal.

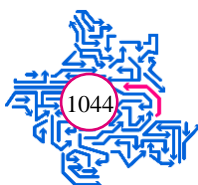
Em seguida, alguns alunos comentaram como suas famílias vieram para o bairro, que em alguns casos coincide com o período logo após sua criação, e descreveram algumas das transformações que observaram como novos comércios, condomínios, melhorias na infraestrutura, o terminal de ônibus, atendendo ao pedido da população, e que muitas vezes nem é necessário sair do bairro para fazer comprar, pagar contas etc, mas que há poucas opções de lazer ainda. Comentaram também sobre alguns problemas ambientais decorrentes da ocupação, como a poluição de um córrego que corta o bairro. Discutimos nesse momento como o bairro se transformou e a participação da população nesse processo.

De forma geral os alunos disseram ter gostado da atividade e de conhecer um pouco sobre sua história e trajetória familiar e que por meio dos relatos compreenderam melhor os motivos que levam uma pessoa a migrar e as dificuldades encontradas nesse caminho.

Considerações finais

É necessário pensarmos cada vez mais em práticas pedagógicas que valorizem o conhecimento cotidiano dos alunos e propiciem a análise do espaço de maneira que consigam se reconhecer como parte integrante e, principalmente, produtora desse espaço. Sem dúvida, perceber o lugar em que se vive é o primeiro passo para pensá-lo e, porque não, modificá-lo.

Atividades como essa possibilitam um olhar crítico e investigativo sobre a realidade que os cerca, assim como traçar paralelos com realidades mais distantes, no caso, outros movimentos migratórios e outros espaços construídos. Além disso, permite que haja um diálogo entre conhecimentos cotidianos e científicos, potencializando a aprendizagem de conteúdos científicos, e faz com que o aluno seja interativo e autor da sua aprendizagem. Com a atividade os alunos puderam ressignificar sua concepção de espaço, concebendo-o como "uma simultaneidade de histórias-até-agora", da qual fazem parte também, e que ainda há



muitas histórias em curso que continuarão permanentemente construindo esse espaço. O bairro, e a cidade em um sentido mais amplo, não foram vistos apenas como um conjunto de paisagens, como forma física apenas, mas sim como uma materialização de modos de vida que se encontraram e se entrelaçaram formando identidades.

Conforme salienta Cavalcanti (2005), muitas vezes apresentamos para os alunos um conjunto de conceitos como migração, o que é cidade, o que é urbanização, o que é conurbação entre outros, acompanhadas de inúmeras informações de cidades brasileiras, muitas delas trazidas pelo livro didático, mas o aluno não consegue utilizá-las para reconhecer e analisar fatos da sua própria cidade, do seu bairro. Com a atividade, vários alunos descobriram deslocamentos em suas histórias familiares, aproximando a migração e seus motivos da vivência dos alunos, percebendo-a como algo ainda presente e não tão distante. Por fim, acredito que essa atividade possibilitou ainda aos alunos conhecerem um pouco mais sobre a sua história, de onde vieram e porque vieram, algo que muitos até então desconheciam.

Referências bibliográficas

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 3ed. Campinas: Papirus, 1998, 192p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia. **Caderno Cedes**. Campinas, v. 25, n. 66, p. 187-207, maio/ago.2005.

MASSEY, Doreen B. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 314p.

